

O que você sabe sobre o Canadá e os Estudos Canadenses? Crenças de discentes do curso de Letras

What do you know about Canada and the canadian studies? Beliefs of students from an undergraduate course on language and literature

Fernanda Costa Ribas¹

Cristiane Manzan Perine²

Gilmar Martins de Freitas Fernandes³

Submetido em 30 de agosto de 2013 e aprovado em 20 de março de 2014.

Resumo: Embasando-se em trabalhos sobre crenças principalmente das áreas da Educação e Linguística Aplicada, esta pesquisa, de cunho interpretativista, tem como objetivo investigar as crenças de discentes do Curso de Letras sobre o Canadá e sobre os Estudos Canadenses. Participaram da pesquisa 28 discentes da Universidade Federal de Uberlândia, dos quais apenas um já havia visitado o Canadá. A análise dos dados, coletados por meio de um questionário *online*, revelou crenças referentes a aspectos factuais e geográficos sobre o país, em sua maioria, baseadas no senso comum. Embora haja grande oferta e divulgação de oportunidades de atividades acadêmicas, de ensino, pesquisa e extensão e evidência do interesse dos alunos em visitar o Canadá, os dados revelam certo desconhecimento dos alunos sobre o país e sobre os Estudos Canadenses. Esses dados apontam a importância de continuidade de ações nas esferas cultural, acadêmica e científica que permitam estreitar as relações entre Brasil e Canadá, promovendo e aumentando conhecimentos sobre o Canadá no Brasil, bem como sobre o Brasil no Canadá.

Palavras-chave: Canadá. Estudos Canadenses. Crenças de discentes. Relação Brasil-Canadá.

Abstract: Based on research studies about beliefs, mainly in the Education and Applied Linguistics field, this interpretative research aims to investigate the beliefs of students from an undergraduate course on Language and Literature about Canada and the Canadian Studies. Twenty-eight students from the Federal University of Uberlandia took part in this study, and only one of them had already been to Canada. The analysis of the data, which were gathered through an online questionnaire, revealed beliefs related to factual and geographical aspects about the country, most of them based on the common sense. Although there is a large number of offerings and divulgation of opportunities for academic activities, teaching, researching and extension and evidence of students' interest in visiting the country, the data show a certain lack of knowledge of students in relation to Canada and the Canadian Studies. These data point out the importance of the continuity of actions in the cultural, academic and scientific spheres that enable closer relations between Brazil and Canada, promoting and increasing knowledge of Canada in Brazil, as well as about Brazil in Canada.

Keywords: Canada. Canadian Studies. Students Beliefs. Relationship Brazil-Canada.

Introdução

Uma breve pesquisa na *internet* é suficiente para levantarmos imagens e mitos comumente associados ao Canadá e a seu povo: é um país governado pela rainha da Inglaterra, parte dos Estados Unidos, onde neva durante onze meses no ano; o esporte nacional é o *hockey*; os canadenses vivem em iglus, têm um estilo de vida selvagem (ex.: vão para o trabalho de trenó), falam devagar e têm um sotaque acentuado. Entretanto, se analisarmos a variedade de temas abordados pelos Estudos Canadenses (EC), no Brasil e no exterior, podemos perceber que o Canadá não se limita

a tais imagens, mas apresenta grande diversidade sociocultural.

Como aponta Bernd (2008), os EC não são uma disciplina em si, mas um vasto campo interdisciplinar que pode abranger um grande número de disciplinas, em geral, aquelas que têm nível de excelência no Canadá, como todas as áreas abrangidas pelas questões do identitário, da alteridade, do multiculturalismo, das migrações, do bilinguismo, da tradução, do acomodamento razoável das diferentes etnias em presença, devido a processos incessantes de imigração.

Os EC surgiram no Brasil na década de 80 através da francofonia, pelo trabalho inaugural de professores de francês, sendo, portanto, preponderante a presença dos cursos de Letras liderando os estudos nesse período. Em 1991, foi criada, em um congresso em Curitiba, a Associação Brasileira de Estudos Canadenses (ABECAN) e, posteriormente, instalados os Núcleos de Estudos Canadenses (NECs) em diferentes universidades brasileiras. Desde então, a ABECAN, em parceria com os NECs, busca fortalecer as pesquisas sobre EC no Brasil e, por meio desses estudos, promover conhecimento sobre o Canadá, manter um dinâmico programa de informações junto a professores e estudantes e aumentar o intercâmbio entre Brasil e Canadá, nas esferas cultural, acadêmica e científica. (BERND, 2012).

Hoje, há publicações e investigações sobre os EC no Brasil que, em geral, adotam perspectivas contrastivas e comparatistas (ALMEIDA, 2001; CERQUEDA; RAMOS, 2005; CLANDININ; CONNELLY, 1987; CONNELLY; CLANDININ, 2000; HUTCHISON, 1942; TELLES, 1996 et al.) que abordam como temáticas, por exemplo, os aborígenes canadenses e suas culturas, o cinema quebequense, meio ambiente e desenvolvimento sustentável, cidadania e imigração, questões identitárias, linguística e educação, a literatura entre os dois países e a formação de professores, a partir das histórias de vida narradas e pesquisadas pelos próprios docentes.

Essas pesquisas vêm aproximando os dois países e evidenciando, assim, processos de conexão entre os diferentes campos de conhecimento. Por meio de tal perspectiva, é possível fomentar novas redes de conhecimentos que possibilitam compreender o que acontece atualmente, no Brasil, no Canadá, e também em outros países. Para Hanciau (2008), os estudos comparatistas são uma forma de aumentar tanto os conhecimentos do Canadá no Brasil, quanto do Brasil no Canadá.

Atualmente, o Brasil conta com dez NECs que, juntamente com a ABECAN, se engajam na divulgação de bolsas, programas, eventos e na difusão dos estudos sobre Brasil-Canadá pelo país. Ademais, há um grande apoio e incentivo por parte destes órgãos no que tange a publicações que se relacionem aos temas EC e à relação Brasil-Canadá. Diante disso, nos questionamos: até que ponto professores e estudantes universitários estão informados a respeito do Canadá e seus estudos? O que eles sabem ou entendem sobre o Canadá e sobre os EC?

Esses questionamentos deram origem ao projeto de pesquisa *Estudos Canadenses: crenças de discentes e docentes universitários*, cujo objetivo geral era fazer um levantamento nacional das crenças de docentes e discentes de universidades brasileiras sobre o Canadá e sobre os Estudos Canadenses. A pesquisa foi realizada com apoio do governo canadense, obtido em 2009, por meio do programa *Development Grant* (bolsa-desenvolvimento) que tem como foco incentivar pesquisas acadêmicas e multidisciplinares a respeito do Canadá e os Estudos Canadenses.

Inicialmente, a pesquisa seria realizada em âmbito nacional, em universidades estaduais e federais que tinham NECs instalados, mas, por questões de logística e tempo, dentre outras, a pesquisa foi conduzida exclusivamente por um grupo de pesquisadores no âmbito do NEC da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A pesquisa se limitou a levantar e problematizar as crenças sobre o Canadá e os EC,

tendo como comunidade focal os discentes e docentes da Universidade Federal de Uberlândia, principalmente dos cursos de Letras e Psicologia, embora dados de outras universidades brasileiras também tenham sido considerados na pesquisa. Foi realizada, também, uma análise crítica a partir de um levantamento de autores e áreas contempladas nas primeiras onze edições da Revista *Interfaces*, publicadas pela Associação Brasileira de Estudos Canadenses.

Considerando, portanto, as possibilidades de investimento, por parte do governo canadense, para a realização de atividades que promovam o intercâmbio acadêmico entre estudantes, professores e pesquisadores brasileiros e canadenses, acreditamos ser relevante conhecer o que de fato nossa população universitária pensa sobre o país e sobre suas perspectivas de estudo.

Assim, neste artigo, focalizamos as crenças dos discentes do Curso de Letras da UFU. Na primeira parte do artigo, discorreremos sobre o conceito de crenças na área de educação e ensino e aprendizagem de línguas⁴, tomando como base principalmente os trabalhos de Pajares (1992) e Barcelos (2001). Na segunda, apresentamos uma relação de pesquisas sobre crenças de aprendizes, realizadas em diferentes contextos de ensino. Na terceira parte, descrevemos a metodologia do presente estudo e, na quarta parte, apresentamos a análise e discussão das crenças dos alunos, levantadas a partir do questionário.

O conceito de crenças

Nesta seção, apresentamos definições de crenças da Linguística Aplicada (LA), bem como de diferentes áreas. Discutimos, também, características das crenças para, então, apresentarmos a definição que embasa a análise dos dados desta pesquisa.

O conceito de crenças tem sido muito discutido e investigado na LA nos últimos anos, no Brasil e no exterior. Entretanto, como ressalta Barcelos (2007), não se trata de um termo exclusivo da LA; crenças é um conceito elaborado em outras áreas, como Antropologia, Filosofia, Psicologia Cognitiva e Educação. Por serem estudadas em diferentes áreas de pesquisa, surgem vários termos para se referir às crenças. No período inicial de investigação das crenças no Brasil, descrito por Barcelos (2007), que ocorre entre os anos de 1990 e 1995, percebemos o emprego de termos como: cultura de aprender, mitos, representações e concepções para se referir às crenças. Bernat e Gvozdenko (2005) e Gabillon (2005) elencam também uma série de definições que têm sido utilizadas para se referir às crenças, dependendo da perspectiva teórica que se adota: miniteorias, teorias implícitas, concepções de aprendizagem, sistemas de representação autoconstruídos, representações mentais e sociais, atribuições, conhecimento metacognitivo do aprendiz, dentre outras.

Várias têm sido as tentativas de compreender e definir o que sejam crenças em diferentes áreas. O filósofo Price (1969) argumenta que ao se definir um construto como crença, este pode ser considerado verdadeiro, mesmo que não haja uma base evidente para tal. Isso ocorre porque crenças possuem uma faceta social, mas também uma faceta individual. Assim, crenças são afirmações que o indivíduo faz sobre o mundo, e justamente por se tratar de convicções, considera tais afirmações como verdadeiras. Nesse sentido, crença é algo em que o indivíduo acredita, sem necessariamente possuir evidências para provar sua validade. Para o autor, não há diferença entre o indivíduo que sabe algo e o indivíduo que acredita em algo, pois ambos se sentem completamente certos a respeito de uma proposição. Pelo fato de a crença corresponder a uma verdade para aquele que a mantém, Pajares (1992) ressalta que os indivíduos tendem a manter crenças baseadas em conhecimento incompleto ou incorreto, mesmo

depois que explicações científicas corretas sejam apresentadas a eles.

Barcelos (2001) tem-se aprofundado no levantamento de definições, características das crenças e metodologias de investigação, apresentando classificações distintas. A autora mostra, em inúmeras publicações, que ao longo dos anos se percebe mudanças na conceitualização das crenças e no emprego de métodos para estudá-las. De acordo com Barcelos (2006), as primeiras pesquisas sobre crenças (décadas de 70 e 80 no exterior e década de 90 no Brasil) apresentavam uma concepção estática do termo. Acreditava-se que se tratava de estruturas estáveis e fixas presentes na mente do indivíduo, aceitas como verdadeiras e influenciadoras do comportamento. Essas pesquisas se enquadram dentro de uma abordagem que a autora denomina de normativa. Juízos de valor também eram aplicados às crenças nessa perspectiva, acreditando haver crenças certas e erradas, por exemplo, sobre as técnicas adequadas para se aprender uma língua e a idade certa para iniciar o estudo de uma língua.

Essa visão normativa foi aos poucos substituída por uma perspectiva contextual, dinâmica e social das crenças, que vem sendo explorada atualmente. De acordo com essa perspectiva, acredita-se que as crenças estão inter-relacionadas com o meio em que os indivíduos vivem, por fazerem parte de suas experiências. Não estão, portanto, em nível cognitivo somente, mas também social, pois segundo Barcelos (2004, p. 132), elas “nascem de nossas experiências e problemas, de nossa interação com o contexto e da nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca”.

Numa perspectiva mais situacional, as crenças apresentam, então, para a autora (op. cit.), as seguintes características:

1. São dinâmicas, ou seja, elas mudam ao longo da vida ou numa mesma situação.
2. São emergentes, construídas socialmente e situadas contextualmente, ou seja, elas “mudam e se desenvolvem à medida que interagimos e modificamos nossas experiências e somos, ao mesmo tempo, modificados por

- elas”.
3. São experienciais, ou seja, elas resultam das interações entre as pessoas e das pessoas com o ambiente.
 4. São mediadas, ou seja, servem de instrumentos que podem ser usados ou não, dependendo da situação em que os indivíduos se encontram, da tarefa que têm que realizar e das pessoas envolvidas nas interações.
 5. São paradoxais e contraditórias, ou seja, elas são ao mesmo tempo sociais e individuais, únicas.
 6. Estão relacionadas à ação indiretamente e de forma complexa, ou seja, as crenças podem influenciar as ações (relação de causa-efeito), elas podem influenciar o comportamento e serem influenciadas (relação interativa) e podem se relacionar de forma complexa com as ações, podendo haver desencontros entre crenças e ações (relação hermenêutica).
 7. Não são facilmente distintas do conhecimento. A inter-relação de crenças e conhecimento pode ser observada na definição de Dewey (1933), para quem crenças cobrem todos os assuntos para os quais ainda não dispomos de conhecimento certo, dando-nos confiança suficiente para agirmos, bem como os assuntos que aceitamos como verdadeiros, como conhecimento, mas que podem ser questionados no futuro.

Os estudos que seguem uma abordagem contextual, como observa Barcelos (2001), consideram a influência da experiência anterior de aprendizagem de línguas dos alunos em suas crenças e ações, em um contexto específico. Crenças são caracterizadas como uma firme convicção, opinião e/ou ideia que tem o indivíduo com relação a algo. (ALVAREZ, 2007). Essa convicção está ligada não só a intuições que têm como base as experiências vivenciadas, mas também ao tipo de personalidade e à influência de terceiros, pois elas são construídas socialmente e repercutem nas suas intenções, ações, comportamentos, atitudes, motivações e expectativas para atingir determinado objetivo. Assim, elas podem ser modificadas com o tempo, atendendo às necessidades do indivíduo, redefinindo seus conceitos, se convencido de que tal modificação lhe trará benefícios.

Tomando como base os conceitos anteriormente apresentados, definimos crença, neste trabalho, como ideia, opinião, visão, percepção, conhecimento que o indivíduo tem e que considera verdadeiro sobre algo. Acreditamos na influência de fatores macrocontextuais (sociais) e microcontextuais (institucionais) na construção e reconstrução de crenças e na natureza dinâmica das mesmas. Considerando que o foco deste trabalho é o levantamento e discussão das crenças de alunos universitários sobre o Canadá e sobre os EC, descrevemos na seção seguinte algumas pesquisas sobre crenças de aprendizes, realizadas em diferentes contextos.

Crenças de discentes

Vieira-Abrahão (2010) ressalta os diversos contextos de estudos sobre crenças no Brasil, na área de LA, que têm sido desenvolvidos: centros de línguas, escolas de idiomas, escolas públicas, escolas privadas (ensino fundamental e médio), universidades privadas e públicas, e contexto tecnológico. A autora aponta que, em geral, essas pesquisas têm adotado a formulação de crenças de Barcelos (2001, 2006), entendendo-as como construções dinâmicas, contextuais e sociais, visão essa que adotamos no presente trabalho. Além disso, estudos dentro dessa perspectiva tendem a ser qualitativos e adotam métodos variados de coleta de dados: observação de aula, diários, questionários, entrevistas, autorrelatos, gravações em áudio e vídeo, sessões de visionamento e até mesmo desenhos. (VIEIRA-ABRAHÃO, 2006).

Entretanto, a consolidação dos estudos sobre crenças no Brasil, com foco para o papel exercido pelos mais variados contextos na (re) construção dessas crenças, de acordo com Barcelos (2007), só ocorreu no final da década de 90. A autora explicita que os primeiros estudos sobre crenças no Brasil, no início dos anos 90, abordavam tal fenômeno ainda de forma periférica, utilizando-se de outras denominações, tais como mitos,

representações e concepções. Detalharemos, a seguir, a título de exemplo, os trabalhos de Leffa (1991), considerado o primeiro artigo publicado no Brasil a respeito de crenças de discentes sobre ensino e aprendizagem de línguas, apesar de não usar o termo crenças, mas concepções, e o estudo mais recente de Oliveira (2010).

Leffa (1991) objetivou investigar as concepções dos alunos da escola pública em relação à língua inglesa, ao falante de língua inglesa, aos aspectos envolvidos na aprendizagem da língua inglesa e, por fim, às possíveis vantagens de saber uma língua estrangeira na visão dos alunos. Os resultados indicaram que: a) os alunos entendem “língua” como conjunto de palavras; b) para os alunos, aprender uma língua estrangeira significa aprender novas palavras, o que inclui a memorização de listas de palavras; c) o inglês é visto pelos alunos como uma disciplina do currículo; sendo assim, aprende-se inglês da mesma forma que se aprende em qualquer outra disciplina, ou seja, lendo, anotando palavras e estudando sozinho. Dentre esses resultados, Leffa ressalta as implicações da visão dos alunos da língua inglesa enquanto uma disciplina do currículo, visão essa que pode permanecer inalterada conforme o aluno avança no estudo da língua. Leffa fala ainda sobre a importância de sensibilizar os alunos acerca do uso da língua inglesa no Brasil, levando-os a perceber que esse extrapola os limites do contexto de sala de aula.

Oliveira (2010) investigou as crenças e experiências de aprendizagem da língua inglesa em alunos da terceira idade, pertencentes ao Programa de Educação de Jovens e Adultos. Oliveira identificou as crenças de que: a) aprender inglês é saber a gramática da língua; b) não se aprende inglês na escola pública; c) aprender inglês significa tirar nota para passar de ano; e d) o professor é quem promove a aprendizagem de inglês. Os resultados também indicaram que: a) inglês é difícil; e b) inglês é a língua da globalização. Em relação às experiências de aprendizagem das alunas,

percebeu-se: a) aulas de inglês com uso exclusivo do português; b) uso de quadro negro e giz; c) aprendizagem consciente e crítica; d) aprendizagem com resquícios da abordagem tradicional de ensino, dentre outras. Os resultados deste estudo sugerem uma inter-relação entre as crenças e as experiências de aprendizagem das alunas, as quais são moldadas pelos anos de vida escolar anteriores. Tais crenças e experiências geraram, nas alunas, atitude passiva em relação à aprendizagem da língua inglesa.

De modo geral, dentre a variedade de estudos sobre crenças de aprendizes, conduzidos em diferentes contextos, a partir de uma breve pesquisa bibliográfica, é possível perceber que esses trabalhos apresentam algumas características em comum: a) a relação entre crenças e comportamento, ou seja, as crenças enquanto influenciadoras das atitudes e ações dos alunos frente à aprendizagem de língua inglesa; e b) o papel exercido pelas experiências anteriores de aprendizagem nas crenças dos alunos e, conseqüentemente, em sua forma de agir em sala de aula.

Apesar da diversidade de estudos que focalizam nas crenças dos aprendizes em relação ao ensino e aprendizagem da língua inglesa, parece que não sabemos muito sobre o que aprendizes brasileiros conhecem e pensam sobre o Canadá e sobre os estudos realizados nesse país, objetivo esse que pretendemos alcançar neste estudo, tal como relatamos a seguir.

Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa, de base qualitativa e interpretativista, foi desenvolvida na UFU, por um grupo de pesquisadores no âmbito do NEC. A coleta dos dados foi realizada por meio de um questionário *online* utilizando a plataforma *Google Docs*, enviado aos alunos por *e-mail*. O questionário continha perguntas abertas e fechadas, tais como: o que você sabe sobre o Canadá? O que você sabe/entende sobre os Estudos Canadenses?

Quais áreas de estudo você acha que são contempladas pelas instituições canadenses? Você conhece os programas de estudos e oportunidades de bolsas do governo canadense? Você conhece atividades desenvolvidas em sua universidade que são diretamente relacionadas ao Canadá? Se você tivesse a oportunidade de ir ao Canadá, para quais locais iria? Por que optaria por esses locais? Que tipo de viagem gostaria de fazer ao Canadá? O estudo contou com a participação de 28 discentes do Curso de Letras, dentre os quais apenas um já teve a oportunidade de ir ao Canadá.

A análise dos dados seguiu uma perspectiva qualitativa, em conformidade com o tipo de análise sugerida por Gillham (2000). Foi feita uma leitura inicial dos dados e, na sequência, buscamos palavras recorrentes, ou seja, palavras-chave que se repetiram nas respostas dos participantes. Levantamos, então, três grandes categorias a partir das perguntas feitas no questionário (crenças dos discentes sobre o Canadá, crenças dos discentes sobre os EC e crenças dos discentes sobre áreas de estudos contempladas pelas instituições canadenses) e, a partir de palavras recorrentes determinamos subcategorias de crenças. Dessa forma, adotamos um ponto de vista que enfocou a perspectiva dos participantes a respeito do Canadá e dos EC.

Análise e discussão dos dados

Esta seção será dividida em duas partes. Na primeira, apresentamos e discutimos as crenças dos discentes do Curso de Letras sobre o Canadá. Na segunda parte, levantamos e discutimos sobre as crenças dos discentes sobre os EC. Nas duas seções, primeiramente, trazemos as crenças dos alunos que nunca estiveram no país e, ao final, analisamos as crenças do único discente que já esteve no país.

Crenças dos discentes sobre o Canadá

De forma a levantar as crenças dos discentes sobre o Canadá, propomos a seguinte pergunta no questionário: *O que você sabe sobre o Canadá?* A partir da categorização das respostas dadas pelos alunos, constatamos que 53% dos discentes acreditam que o Canadá é um país bilíngue; 21% acham o país bonito; 20% acreditam que se trata de um país com boa qualidade de vida; 15% veem o Canadá como um país frio e 12% acreditam que se trata de um país que investe em educação.

A crença mais recorrente entre os participantes é a de que o Canadá é um país bilíngue, o que é revelado por 53% dos discentes. Diante de tal afirmação, nos perguntamos: até que ponto afirmar que um país é bilíngue constitui uma crença do aluno e não simplesmente um fato? Neste trabalho, entendemos “fato” como uma norma, uma lei estabelecida documentalmente por um poder ou um contrato social estabelecido sobre determinado assunto em que o indivíduo por si só não muda. Crença seria a percepção que o indivíduo tem sobre o fato. Por ser uma norma social, o fato não muda, o que muda é como o indivíduo percebe esse fato (crença). Sendo assim, entendemos a afirmação “O Canadá é um país bilíngue” como crença, pois consideramos que o aluno tem várias possibilidades de dizer o que entende sobre o Canadá (ex.: país monolíngue, bilíngue, plurilíngue), mas optou por usar o bilinguismo para caracterizar o país. Além disso, os participantes poderiam ter dito que além das línguas oficiais do país, inglês e francês, são faladas também as línguas aborígenes; no entanto, nenhum dos discentes respondeu isso, o que demonstraria um maior conhecimento sobre Canadá por parte deles.

Um evento, a nosso ver, pode ser analisado de duas perspectivas: da perspectiva do objeto analisado, nesse caso, o bilinguismo presente no Canadá ou do analista, ou seja, do olhar do aluno que está analisando o

objeto (o bilinguismo). Se considerarmos a primeira perspectiva, teríamos, então, um fato, por haver uma lei que estabelece o inglês e o francês como línguas oficiais no Canadá, lei esta que é fixa, não muda. Entretanto, se considerarmos a segunda, podemos ter uma crença, pois a maneira como o indivíduo percebe um fato pode variar.

Na tentativa de explicar tal crença, de que o Canadá é um país bilíngue, recorremos à formação desses participantes, que são alunos regulares do Curso de Letras, o que pode sugerir que tenham certo conhecimento no que refere às línguas faladas em diferentes países. Os estudantes demonstram o conhecimento⁵ de que as línguas oficiais no Canadá são o francês e o inglês, e exemplificam regiões em que tais línguas são faladas:

- 1) *Há uma parte (Quebec) que tem como língua principal o francês e no restante do país a língua oficial/principal é o inglês.*
- 2) *Que tem o inglês como língua oficial e falantes de francês também.*
- 3) *Tem como línguas oficiais o francês e o inglês devido à colonização europeia.*

Outra crença que pôde ser observada é de que o Canadá é um país frio, apresentada por 15% dos estudantes. Um dos discentes afirma que o frio e, especialmente, a neve, dificultam muito a vida das pessoas durante o inverno, já que podem impossibilitar até mesmo que saiam de casa. É interessante notar que esse participante nunca esteve no país:

- 4) *As pessoas sofrem bastante com o clima, sobretudo durante o inverno, pois neva muito e dificulta muito [...] às vezes impossibilita a saída de casa durante o período mais crítico do inverno.*

Para 21% dos participantes, o Canadá é um país bonito. É fato curioso perceber que os discentes não citam aspectos da arquitetura e a organização da cidade ou mesmo belezas naturais do país, ou seja, não demonstram conhecer algum ponto turístico, monumento, construções canadenses ou

mesmo cachoeiras, parques, montanhas e áreas de preservação ambiental que se relacionem às belezas naturais do país. Os discentes apenas afirmam que o país é bonito e partem para outros assuntos, o que nos possibilita afirmar que tal crença tem origem numa imagem idealizada do país ou mesmo que é baseada em um senso comum de que o país deve ser bonito, mas não citam nenhum lugar específico que conheçam e achem bonito. Vejamos algumas das respostas elaboradas pelos estudantes:

5) Um país muito bonito, que possui duas línguas oficiais: o inglês e o francês. País bastante democrático, que resolve suas questões políticas através de plebiscitos.

6) Que é um belo país, que possui ótimos recursos na educação e saúde, e que tenho muita vontade de conhecer.

Alguns discentes (20%) parecem acreditar que o Canadá é um país em que a qualidade de vida se destaca dos demais países. Relevante também é perceber que por entenderem que este é um país em que há qualidade de vida, conseqüentemente, os alunos têm o Canadá como um ótimo país para se viver. Essa ideia nos sugere a expressão do desejo de viver nesse país. Os trechos apresentados a seguir revelam dados que corroboram a ideia de qualidade de vida, tais como excelentes indicações sociais, baixo nível de analfabetismo e baixa mortalidade infantil:

7) Sei que é um país situado na América do Norte, de grande extensão e com excelentes indicações sociais (baixo nível de analfabetismo, mortalidade infantil, etc.), além de ser uma das maiores potências econômicas do mundo.

8) O que sei é que é um país com alta qualidade de vida e que incentiva pesquisas e principalmente os professores.

9) Aparentemente é um ótimo país para se viver. O governo apoia e recebe bem os estrangeiros e proporciona curso de imersão em inglês e francês.

10) É um país bilíngue; apresenta um dos melhores indicadores sociais do mundo.

A questão cultural também parece ser bastante relevante, embora

pouco lembrada. Quando questionados sobre o que sabem a respeito do Canadá, apenas um dos participantes nos remeteu à questão cultural, indicando que há artistas canadenses famosos. Ele cita alguns cantores renomados que, no Brasil, são muito conhecidos, principalmente pelo público jovem:

11) É um país que possui falantes de francês e inglês, frio, bonito, e com cantores famosos pelo mundo, como Justin Bieber, Avril Lavigne, Simple Plan.

A crença de que o Canadá é um país que investe em educação é compartilhada por 12% dos informantes. Os alunos também afirmam que é um país que investe em pesquisas e, principalmente, nos professores. Um dos discentes revela que o Canadá possui ótimos recursos para educação e deixa transparecer sua vontade de conhecer o país, o que talvez seja justificado pelo forte investimento em educação que ele acredita que o país tem, como se pode perceber pelos seguintes trechos:

12) Que possui ótimos recursos na educação e saúde, e que tenho muita vontade de conhecer.

13) O que sei é que é um país com alta qualidade de vida e que incentiva pesquisas e principalmente os professores.

A crença apresentada pelos aprendizes de que o Canadá é um país que investe em educação parece corroborar suas afirmações de que o país é aberto a intercâmbios, revelando assim duas crenças relacionadas. Essas crenças parecem surgir de um desejo por parte dos discentes de estudar ou fazer algum tipo de intercâmbio em um país, como pode ser lido a seguir:

14) Um conhecimento superficial sobre a possibilidade de intercâmbio por meio do NEC.

15) Aparentemente é um ótimo país para se viver. O governo apoia e recebe bem os estrangeiros e proporciona curso de imersão em inglês e francês.

Neste trecho, percebemos a crença de que o Canadá é um país que apoia e recebe bem os estrangeiros e que, além disso, oferece cursos

de imersão em suas duas línguas oficiais. Encontramos, também, um reflexo do trabalho do NEC-UFU, quando um discente diz que sabe das possibilidades de intercâmbio por meio desse núcleo.

Todos os discentes (100%) expressam o desejo de conhecer o Canadá e seus programas de intercâmbio, embora apenas um deles tenha visitado o país. Quando questionados sobre o local que gostariam de conhecer, percebe-se uma nítida preferência por Quebec, Toronto e Montreal, respectivamente. Na escolha por tais cidades parece ser crucial o fato de ter domínio nas línguas-alvo faladas nesses locais ou mesmo o desejo de aprender ou aprimorar o conhecimento dessas línguas, tanto o inglês quanto o francês.

A escolha por um determinado local surge também de crenças que se tem sobre o mesmo (ex.: cidade bonita e agitada, cidade com boa qualidade de vida e boa localização no país), construídas socialmente, ou seja, a partir do contato com outras pessoas e ambientes. No entanto, nenhum dos discentes demonstra conhecer, de fato, as províncias e territórios do país, bem como as línguas oficiais de cada lugar. Isto porque, embora o país seja bilíngue, as línguas oficiais são estabelecidas pelo governo de cada província:

16) Quebec. Minha primeira opção seria por querer conhecer essa cidade que sempre falavam nos anos que fiz francês.

17) Gostaria de ir para Quebec para poder aprimorar meu nível de francês. E Toronto, por ser a capital do país e porque imagino que seja uma cidade bonita e agitada.

18) Vancouver, Edmonton, Toronto e Alberta, por terem como língua dominante o inglês, boa qualidade de vida e boa localização no país.

Ademais, podemos perceber o desconhecimento dos participantes com relação a cidades e províncias que gostariam de ir ao Canadá quando eles se referem a elas como se fossem distintas, mas que, na verdade, são o mesmo local. Na citação 18, acima, por exemplo, o participante afirma que gostaria de ir a Alberta e Edmonton por não saber que Edmonton é a

cidade capital da província de Alberta. Já outro discente, no excerto 17, expressa o desejo de conhecer a capital do país, segundo ele Toronto, mas que, na verdade, é Ottawa. Como podemos ver no excerto a seguir, mais um dos informantes nos mostra pouca familiaridade com o Canadá e suas províncias ao dizer que gostaria de ir a Quebec por ser o único lugar que já ouviu falar; talvez isso revele a crença de que o Canadá não é um país muito conhecido:

19) Porque é a única cidade canadense da qual já ouvi falar.

É fato curioso perceber que, para alguns discentes, o desejo de conhecer o Canadá é tão grande que já os levou a pesquisar sobre locais que gostariam de visitar. Um deles demonstra interesse acadêmico em conhecer o país e revela já ter pesquisado sobre as universidades e áreas de pesquisa dos professores canadenses que vão ao encontro de seus interesses:

20) Toronto, porque além de ser uma capital lindíssima eu já entrei no site da Universidade de York e acho que poderia encontrar professores com pesquisas na área que estou pesquisando. E as outras cidades também podem me proporcionar possibilidades de pesquisa na área que estou estudando, que é a inserção das novas tecnologias na educação.

21) Já fiz um estudo prévio do Canadá e me apaixonei pelo Quebec!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Os motivos que levariam os estudantes ao Canadá são os estudos, seguidos de viagem e turismo. O turismo aparece também como aliado aos estudos:

22) Turismo/ intercâmbio para aprender línguas e universitário e turismo.

23) Intercâmbio universitário (parte de meus estudos em uma instituição canadense).

Quando perguntados se conhecem os programas de estudo e oportunidades de bolsas do governo canadense, menos da metade dos

discentes afirmam conhecê-los, apenas 46%, ou seja, a maioria dos discentes, 54%, desconhecem tais programas, oportunidades e estudos que são estimulados e divulgados pelo governo canadense.

Passamos, nesse momento, para a análise das respostas dadas pelo discente que já foi ao Canadá. Com relação à primeira pergunta (*O que você sabe sobre o Canadá?*) obtivemos a seguinte resposta:

24) O Canadá é um grande país multicultural, rico em cultura e que se apresenta mundialmente de uma forma muito cordial e direta. Admiro a organização do país e também alguns estudos que já li, desenvolvidos em universidades canadenses.

Constatamos que esse discente, tal como os outros, também vê o Canadá como um país bem-desenvolvido no que diz respeito à sua infraestrutura organizacional, às relações políticas que estabelece com os demais países, à preservação de sua vasta cultura e valores, além de desenvolver pesquisas de qualidade em suas universidades. Percebemos, portanto, que a perspectiva do discente que já esteve no Canadá não difere consideravelmente daquela apresentada por outros discentes que nunca estiveram no país, a não ser pelo caráter multicultural do país que foi comentado, percebido possivelmente a partir das experiências de interação com outras pessoas e com o ambiente quando o aluno esteve no país. Isso porque as crenças, como aponta Barcelos (2006), são construídas socialmente e resultam das interações entre as pessoas e das pessoas com determinado ambiente. Tal como os outros discentes, esse aluno enfatiza características ligadas ao desenvolvimento do país em termos de infraestrutura e pesquisa.

Crenças dos discentes sobre os estudos canadenses

Fizemos as seguintes indagações a respeito dos EC aos discentes: *O que você sabe e/ou entende sobre os estudos canadenses?* (Fig. 1) e

Quais áreas de estudos você acha que são contempladas pelas instituições canadenses?(Fig. 2).

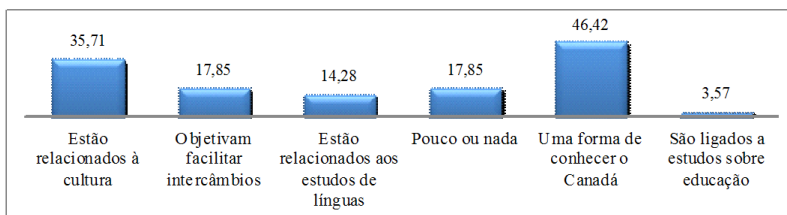


Fig.1 O que você sabe e/ou entende sobre os estudos canadenses (E.C.)?

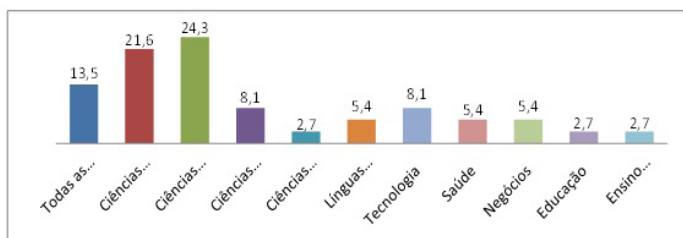


Fig. 2 Quais áreas de estudos você acha que são contempladas pelas instituições canadenses?

Com relação à primeira pergunta, constatamos que 46,42% dos discentes acreditam que os EC são uma forma de conhecer o Canadá; 35,71% acreditam que os EC estão relacionados à cultura; 17,85% acreditam que os EC objetivam facilitar algum tipo de intercâmbio para o país; 17,85% dos discentes afirmam saber pouco ou nada sobre os EC e, por isso, optaram por não externar o que sabem; 14,28% acreditam que os EC estão relacionados a estudos sobre línguas e 3,57% dos discentes acreditam que os EC são estudos ligados à educação.

Com relação à segunda pergunta, constatamos que a área de Ciências Humanas é a mais citada pelos alunos, seguida das Ciências Exatas; 13,5% veem que todas as áreas de estudo são contempladas pelas instituições canadenses.

Com relação à primeira pergunta, o que identificamos é que, em geral, os discentes têm a ideia de que EC são e estão relacionados à cultura

canadense ou que os estudos desenvolvidos no Canadá têm por objetivo facilitar ou proporcionar alguma espécie de intercâmbio entre o Canadá e os países envolvidos nesses estudos.

Em 35,71% dos casos os alunos responderam que os EC estão relacionados à cultura, talvez porque acreditem que, pelo fato de o Canadá ser um país bilíngue e grande, territorialmente falando, ele deve ter uma cultura diversificada e ampla. Como podemos notar nas proposições a seguir:

25) Estuda a cultura, principalmente as línguas faladas no país.

26) Imagino que Estudos Canadenses são estudos sobre o Canadá e sua cultura.

Percebemos nas respostas que 17,85% dos discentes demonstraram acreditar que os EC têm, de alguma forma, o objetivo de facilitar relações de intercâmbios para o Canadá, o que pode revelar uma visão utilitarista ou um desconhecimento a respeito dos estudos desenvolvidos no país:

27) Creio que seja uma espécie de “intercâmbio”, entre o que se estuda em ambiente brasileiro com possibilidade de estudo da mesma problematização em contexto canadense.

28) Acho que é uma parceria em que estudantes do Brasil e de outros países podem ir para o Canadá, a fim de estudarem assuntos relacionados à língua, à cultura, entre outros aspectos do Canadá.

29) Sei que é um programa do governo do Canadá, que patrocina alunos que tiverem interesses em desenvolver pesquisas no Canadá ou sobre o Canadá.

30) Entendo que sejam estudos a respeito do Canadá, que visem uma maior interação com esse país, por meio de intercâmbio.

Embora o Canadá seja bilíngue, o que enriquece bastante a cultura de um país e é uma área que oferece muito assunto a ser estudado, poucos discentes relacionaram o estudo de línguas aos EC. Isso pode revelar uma crença de que as línguas estrangeiras são para serem faladas e praticadas e

não para serem estudadas. Apenas 14,28 % dos discentes relacionaram os EC aos estudos de línguas:

31) *Estuda a cultura, principalmente as línguas faladas no país.*

32) *Não conheço o projeto ainda, mas creio que seja o estudo sobre a cultura, língua, costumes canadenses.*

O que percebemos quando analisamos as respostas a essa primeira pergunta é que apenas 17,85% dos discentes responderam saber pouco ou nada sobre os EC. Os demais, 46,42% dos discentes, os relacionaram a uma forma de conhecer o Canadá, seu povo e sua economia.

Em apenas 3,57% dos casos os discentes relacionaram os EC a estudos sobre a educação. Como alguns discentes veem o Canadá como um país que investe em educação e tem um bom sistema educacional, talvez acreditem que não haja necessidade de se desenvolver estudos nessa área. O mesmo podemos dizer das áreas de estudo de línguas, citada por 5% dos discentes, e da saúde, citada por 8% dos discentes:

33) *Línguas, tecnologia e saúde.*

34) *O estudo da língua inglesa.*

É provável que os alunos tenham essa visão dos EC por acharem que o Canadá é um país de Primeiro Mundo e que, portanto, não precisa mais investir no ensino e aprendizagem de línguas, em métodos mais eficazes para se aprender-ensinar línguas ou novos recursos para proporcionar um sistema educacional de melhor qualidade à população e, nem em inovações tecnológicas em saúde e distribuição de verba para a área. Isso pode revelar uma visão errônea por parte dos discentes a respeito dos EC, de que só se desenvolve pesquisa nas áreas que estão menos desenvolvidas ou que estejam se desenvolvendo rapidamente em todo o mundo, como a área de tecnologia, por exemplo.

Na proposição abaixo, podemos perceber que um dos discentes tem a noção clara de que ambos, Brasil e Canadá, podem contribuir um

com o outro na troca de experiências no que diz respeito à formação dos brasileiros e dos canadenses:

35) Estudos sobre a metodologia de ensino no Canadá e áreas do conhecimento destas universidades canadenses, de forma a descobrir em que o Brasil e Canadá podem construir uma parceria tendo como objetivo a melhor formação dos alunos brasileiros e canadenses.

Com relação à segunda pergunta (*Quais áreas de estudos você acha que são contempladas pelas instituições canadenses?*) verificamos que 13,5% dos discentes acreditam que os EC abrangem todas as áreas de estudos e que, portanto, essas são visadas pelas instituições canadenses. Talvez essa crença surja por acreditarem que o Canadá, por ser um país desenvolvido e considerado de Primeiro Mundo, se preocupa em desenvolver pesquisas em todas as áreas de estudo. Os discentes citaram em suas respostas quatro grandes áreas de estudo: Ciências Exatas, 21,6% (foram mencionadas as disciplinas Matemática, Química, Física, Engenharias), Ciências Humanas, 24,3% (foram citadas as disciplinas de Artes e Filosofia), Ciências Biológicas, 8,1% (foram elencadas as disciplinas Ecologia e Ciências Biomédicas); e Ciências Sociais, 2,7% (foi citada a disciplina Geografia, que consideramos como Ciências Sociais por estar relacionada aos aspectos sociais dos indivíduos e grupos humanos num espaço geográfico partilhado pela sociedade). Ademais, outras áreas foram elencadas pelos discentes, como a área de línguas (5,4%) e, especificamente, o inglês (2,7%), tecnologia (8,1%), saúde (5,4%), negócios (5,4%) e educação (2,7%).

Diante dos números supracitados, verificamos que a maior parte dos discentes acredita que os EC estão ligados às áreas de tecnologia e desenvolvimento, quando citam as áreas de Ciências Humanas e Exatas; talvez isso se deva ao fato de verem o país como de Primeiro Mundo e em pleno desenvolvimento. No entanto, em algumas das respostas

identificamos que eles dizem acreditar que todas as áreas são contempladas pelas instituições canadenses; talvez isso revele que eles nada ou pouco sabem e conhecem sobre os EC e, por isso, quando indagados, apontam áreas de forma geral.

Em relação às respostas dadas pelo discente que já foi ao Canadá à pergunta *O que você sabe e/ou entende sobre os Estudos Canadenses?*, verificamos que ele acredita que os EC dizem respeito à propagação e divulgação do Canadá e dos estudos que são feitos no país, e que esses estudos são fomentados e patrocinados pelo governo canadense. O discente não menciona, no entanto, nenhuma área específica de estudo, tal como fizeram outros alunos:

36) Estudos Canadenses são tópicos, eventos, pesquisas, estudos que, de alguma forma, se relacionam ao Canadá, são conduzidos ou pelo menos patrocinados pelo governo canadense.

Sobre a terceira pergunta, *Quais áreas de estudos você acha que são contempladas pelas instituições canadenses?*, notamos que o discente acredita que nas instituições canadenses há espaço para estudos diversos, de todas as áreas e, de acordo com o interesse do estudante, o país possibilita oportunidades em várias esferas:

37) Acho que várias áreas; depende do interesse de estudo e pesquisa de cada aluno e professor.

Tal visão é apresentada por outros discentes também (13,5 %), que afirmam que os EC abrangem todas as áreas de estudos, conforme mencionamos anteriormente.

Considerações finais

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar as crenças de discentes do Curso de Letras da UFU sobre o Canadá e sobre os EC. Percebemos

que as crenças dos discentes sobre o Canadá, levantadas a partir do questionário, parecem se restringir, de modo geral, a conhecimentos sobre clima, idioma e infraestrutura do país, o que em parte advém do senso comum. Em relação aos EC, a maior parte dos discentes enfatiza o estudo da cultura canadense ou afirma que se trata de estudos que facilitam as relações de intercâmbio entre o Canadá e outros países. Há, também, aqueles que afirmam que pouco ou nada sabem sobre esses estudos.

Assim, identificamos que os discentes, em geral, pouco ou nada sabem sobre o Canadá e sobre os estudos que são desenvolvidos no país, embora haja uma grande oferta de oportunidades de atividades acadêmicas, de ensino, pesquisa e extensão, além dos editais de bolsa disponibilizados pela CAPES e pelo governo canadense, no Brasil e no mundo. Ainda assim, parece haver certo desconhecimento por parte dos discentes, um “não buscar”, um “não se atrair” por tais oportunidades. A questão é: por que isso ocorre? O que será preciso fazer para que esse “buscar” ocorra? A que se deve essa falta de interesse por parte dos discentes em investigar sobre o país e, ainda, de se envolver em projetos de pesquisa e de estudos desenvolvidos na universidade sobre o Canadá? Uma possível ação para mudar essa visão dos discentes sobre o Canadá e seus estudos seria uma maior divulgação de pesquisas, estudos, eventos e intercâmbios realizados no país ou sobre ele, seja nas próprias instituições canadenses ou em instituições espalhadas pelo mundo.

Embora os discentes, aparentemente, não se envolvam nas atividades acadêmicas, percebemos que isso não tem interferido em seu interesse em ir para o Canadá. Os dados desta pesquisa revelam que há um desejo grande por parte dos alunos em visitar o país, seja para estudo, turismo ou qualquer outro motivo. Como apresentamos na seção anterior, muitos discentes citam no questionário, de forma variada, esse interesse como, por exemplo, quando afirmam que os EC são “estudos a respeito do Canadá,

que visam uma maior interação com esse país, por meio de intercâmbio” ou “acho que é uma parceria em que estudantes do Brasil e de outros países podem ir para o Canadá...”.

Concluimos que há uma diversidade de opiniões sobre o que sejam EC ou sobre quais áreas ou temas eles englobam. Neste artigo, não pretendemos chegar a uma conclusão do que sejam esses estudos e não pretendemos encerrar esta discussão. O que acreditamos é que esses estudos envolvem todas as áreas interdisciplinarmente e abrangem temas característicos e próprios do Canadá como as questões aborígenes, de imigração, das línguas oficiais e indígenas, dentre outros. No entanto, esses estudos podem não ser necessariamente apenas a respeito do Canadá, mas sobre o país e suas relações com outros países, temas comuns entre o Canadá e outros lugares do mundo, pesquisas científicas que envolvam o Canadá com outro(s) país(es), dentre outras relações.

Diante do interesse geral dos discentes em estudar no país e considerando que o Canadá e os EC ainda são desconhecidos por muitos alunos, vemos a importância do trabalho dos NECs dentro das universidades e da ABECAN na continuidade do trabalho de divulgação de bolsas e programas no Canadá, bem como dos resultados de pesquisas, de forma a possibilitar aos acadêmicos a concretização de suas aspirações e o fortalecimento dos diálogos entre Brasil-Canadá.

Em suma, vislumbramos que esta pesquisa, realizada com a participação de discentes e docentes do Curso de Letras da UFU, pode ser estendida a outras áreas do conhecimento e, também, a outras localidades em âmbito nacional. Ademais, acreditamos que, a partir da divulgação de seus resultados em seminários, congressos e publicações, poderão surgir outros pesquisadores interessados na temática que queiram se engajar e dar continuidade à pesquisa em outras áreas e instituições federais e estaduais.

Notas de Fim (Endnotes)

- ¹ Aluna mestranda em Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: cristiane_manzan@yahoo.com.br.
- ² Doutora em Estudos Linguísticos, área de Linguística Aplicada, pela Universidade Estadual Paulista. Atualmente é professora efetiva no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: fercribas@yahoo.com.br.
- ³ Aluno mestrando em Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil.
- ⁴ Apesar de este estudo não ser especificamente sobre crenças de aprendizagem de línguas, optamos por tomar como base conceitos dessa área por julgarmos que os mesmos podem ser relevantes para embasar nossa discussão sobre crenças de discentes sobre o Canadá e sobre os Estudos Canadenses, considerando as características e definições do termo, apresentadas na primeira parte do artigo.
- ⁵ Neste trabalho, não fazemos distinção entre crença e conhecimento que os alunos possuem sobre algo. Partilhamos da mesma visão de autores como Barcelos (2004, 2006) e Borg (2003) de que há uma inter-relação entre crenças e conhecimento.

Referências

ALMEIDA, S. R. G. *Interseções: Diálogo com a literatura e a linguística aplicada no Canadá*. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2001.

ALVAREZ, M. L. O. Crenças, motivações e expectativas de alunos de um curso de formação Letras Espanhol. In: _____; SILVA, K. A. (Org.). *Linguística Aplicada: múltiplos olhares*. Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 191-231.

BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.

_____. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas*. *Linguagem e Ensino*, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.

_____. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In:

_____; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Org.). *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006. p. 15-42.

_____. Crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas: reflexões de uma década de pesquisa no Brasil. In: ALVAREZ, M. L. O.; SILVA, K. A. (Org.). *Linguística Aplicada: múltiplos olhares*. Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 27-69.

BERNAT, E; GVOZDENKO, I. Beliefs about language learning: current knowledge, pedagogical implications and new research directions. *TESL-EJ*, v. 9, n. 1, p. 1-21, 2005.

BERND, Z. Estudos Canadenses: balanços e perspectivas. *Interfaces Brasil/Canadá*, n. 9, p. 13-20, 2009.

_____. Études canadiennes: perspectives transaméricaines. In: IMBERT, P.; CERQUEDA, S. B.; RAMOS, A. R. N. Ficção e documentário: algumas reflexões sobre o Quebec contemporâneo nas obras cinematográficas de Jacques Godbout e Denis Arcand. *Revista Interfaces, ABECAN/FURG*, v. 1, n. 5, p. 253-266, 2005.

CLANDININ, J.; CONNELLY, M. Teachers' personal practical knowledge: What counts as "personal" in studies of the personal. *Journal of Curriculum Studies*, p. 487-500, 1987.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Teacher education – A question of teacher knowledge. In: SCOTT, A.; FREEMAN-MOIR, J. (Ed.), *Tomorrow's teachers: International and critical perspectives on teacher education*. Christ Church, New Zealand: Canterbury Press, 2000. p. 89-105.

DEWEY, J. *How we think*. Lexington, MA: D. C. Heath and Company, 1933.

FONTILLE, B. (Ed.) *Trans, multi, interculturalité: trans, multi, interdisciplinarité*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2012.

p. 196-207.

GABILLON, Z. L2 Learner's beliefs: an overview. *Journal of Language and Learning*, v. 3, n. 2, p. 233-260, 2005.

GILLHAM, B. *Case Study Research Methods*. Londres; Nova Iorque: Continuum, 2000.

HANCIAU, N. Relações norte e sul: diálogo Brasil/Canadá. *Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa*, São Paulo, n. 4, p. 271-277, fev. 2008.

HUTCHISON, B. *The unknown country, Canada and her people*. Longmans, Green & Company, Toronto, 1942.

LEFFA, V. M. A look at students' concept of language learning. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 17, p. 57-65, 1991.

OLIVEIRA, H. F. *À flor da (terceira) idade: crenças e experiências de aprendizes idosos de língua estrangeira (inglês)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

PAJARES, M. F. Teachers' Beliefs and Educational Research: Cleaning up a Messy Construct. *Review of Educational Research*, v. 62, n. 3, p. 307-332, 1992.

PRICE, H. H. *Belief*. Bristol: Thoemmes Press, 1969.

TELLES, J. A. Teachers' Professional Knowledge Landscapes – Resenha. *DELTA* (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), São Paulo, v. 12, n. 2, p. 367-378, 1996.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Metodologia na investigação das crenças. In: BARCELOS, A. M. F.; _____. *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006. p. 219-231.

_____. Cognição de professores de línguas: formação, fatores contextuais e práticas de sala de aula. *Contexturas*, v. 16, p. 113-134, 2010.